

Estresse, de Maria Auxiliadora de Almeida Cunha Arantes, a Dodora, e de Maria José Femenias Vieira, faz parte da Coleção Psicanalítica dirigida por Flávio Carvalho Ferraz e editada pela Casa do Psicólogo. Seguindo a característica da coleção, as autoras articulam o pensamento freudiano a múltiplas referências, na construção do conceito em pauta, dando-nos o prazer de participar de uma conversa afiada com os clássicos e de desfrutar da vivacidade da elaboração da clínica psicanalítica.

Desejo expresso de Maria Auxiliadora é o de "permitir que o leitor encontre, neste texto, contribuições para uma familiarização com o estresse e seus trajetos, e que possa ir um pouco mais além" (p. 15).

A palavra "estresse" é usada na metalurgia e significa uma deformação produzida por uma força, uma pressão; também tem utilidade na física, significando a somatória de forças que agem contra a resistência, não importando quais sejam. Por analogia, é utilizada para nomear qualquer manifestação

Estresse, clínica do inespecífico

Resenha de Maria Auxiliadora de Almeida Cunha Arantes e Maria José Femenias Vieira, **Estresse**, São Paulo, Casa do Psicólogo, 2002, 142 p.

de desgaste tanto somático quanto mental.

Hans Selye, conhecido como "o pai do estresse", apropriou-se desse termo usado anteriormente por outros psiquiatras para designar estados de tensão excessiva emocional ou mental. Em sua pesquisa buscou "...determinar a existência de alguma coisa, como uma relação singular, inespecífica do organismo, como resposta a qualquer tipo de dano sofrido" (p. 25). Essa posição o colocou contra a visão clássica da medicina, que procurava curas precisas dirigidas aos sintomas, abrindo então a instigante trilha de se pensar uma clínica de inespecificidade presente em variados graus nos pacientes que demandam atendimento ao seu sofrer.

O estresse abre-se, a partir dessas concepções de Selye, como um campo privilegiado para se pensar a articulação entre o "privado" dos acontecimentos psicopatológicos e o "público" das forças e das realizações sociais.

A vitória mundial do liberalismo econômico agudizou as duras condições da população trabalhadora. Das pessoas são retirados o valor e o sentido do trabalho, assim como a possibilidade de retirar do trabalho valor, identidade. "...trabalho não é mais um lugar de auto-realização, mas de esvaziamento de todas as energias no sentido de proteger-se" (p. 97). Aqui sem dúvida cabe a exclamação de Robert Kurz: "Esse sistema

já não se deixa iludir na sua animosidade contra a vida!".

Abordando as relações do trabalho e estresse, Dodora desenvolve, com excelência, a idéia de Christophe Dejours de "anulação muda e invisível" de um comportamento livre do trabalhador, dando lugar ao comportamento estereotipado, submetido à organização autoritária do trabalho, em que há exclusão radical do seu desejo. Segundo Dejours, o que ocorre é uma alienação, no sentido em que Marx a compreendia em seus *Manuscritos econômicos filosóficos*, de 1844. Esta alienação é uma submissão gradativa do trabalhador à organização do trabalho, um enorme desconhecimento de suas necessidades, colocando em risco sua integridade física e psíquica.

Parafraseando uma observação de Walter Benjamin, o homem não é uma besta de carga, é também uma besta de reflexão, de prazer, de voluptuo-

sidade, de meditação, de atonia, de esquecimento, de despertar.

Aquele que se sente despossuído pode imaginar futuros que carreguem o peso do desespero em vez de sentir a energia da pulsão do destino e de “possuir” futuros que a nutram no presente. Não há, então, nenhum desejo de evocar futuros uma vez que não se deseja evocar memórias dolorosas.

Zeferino Rocha, no seu livro *Os destinos da angústia*, apropria-se de forma muito feliz da fábula 220 de Higino, apresentando-nos o essencial do que Freud escreveu sobre a questão da angústia como originária, remetendo-nos à experiência fundamental do desamparo.

“Angústia, ao atravessar um rio, viu uma massa de argila e, mergulhada nos seus pensamentos, apanhou-a e começou a moldar uma figura. Quando

deliberava sobre o que fizera, Júpiter apareceu. Angústia pediu que lhe desse uma alma à figura que modelara, e facilmente conseguiu o que pediu. Como Angústia quisesse, de si própria dar um nome à figura que modelara, Júpiter proibiu e prescreveu que lhe fosse dado o seu. Enquanto Angústia e Júpiter discutiam, Terra apareceu e quis que fosse dado o seu nome a quem ela fornecera o corpo. Saturno foi escolhido como árbitro e este, equitativamente, assim julgou a questão: ‘Tu, Júpiter, porque lhe deste a alma, tu a terás depois da morte. E tu, Terra, porque lhe deste o corpo, tu o receberás após a morte. Todavia, porque foi Angústia que primeiramente a modelou, que ela a tenha, enquanto a figura viver. Mas, uma vez que existe entre vós uma controvérsia sobre o nome, que ela seja chamada homem, porque é feita de húmus. Porque modelado pela An-

gústia, o homem tem nela, sombra do seu ser, que o acompanha por todas as estradas da vida”.

O estudo do desamparo, por um lado, lembra ao homem a sua condição existencial de finitude e seus limites. Por outro lado, a angústia do desamparo tem também uma face libertadora, pois é à medida que o homem assume o desamparo que ele se liberta das ilusões que o alienam e escravizam. É nessa possível mudança de ancoragem do indivíduo das miragens da completude fálica e da onipotência narcísica para a fragilidade e a incompletude humanas, que se torna possível a manifestação das possibilidades erógenas do desamparo e da abertura a um permanente reinventar-se. À estase

no desamparo corresponde o sofrimento masoquista.

E Dodora afirma com clareza: “Ao aproximar estresse de desamparo podemos dizer que estamos casando duas figuras alinhadas no campo do sofrimento psíquico com consequências somáticas irrefutáveis” (p. 46). Sendo do registro do psíquico, o estresse poderia ser elaborado e não necessariamente repetir-se opressivamente. Sendo somático, poderia “deixar escoar no corpo sua dor, e não necessariamente entrar num colapso irreversível” (p. 58).

Sem dúvida, é duro viver. Mas justamente essa aspereza é o sal da vida. É isso mesmo o que nas histórias humanas faz do trágico o vetor dos momentos verdadeiros. E levar em conta que o que assegura a perda da existência do ser é o reconhecer que toda a existência humana é formada de húmus.

Moisés Rodrigues da Silva Júnior é psicanalista.